

# do quase nada de uma noite

Poemas inéditos de Vera Lúcia de Oliveira Maccherani<sup>1</sup>

leves de caminho  
feito pelo fundo da noite  
alguns não chegam mas  
pedem espaço pedem  
arcabouço para sobreviver  
outros se derramam  
sobre bancos mudos  
de jardins desesperados  
alguns só habitam bordas  
de desfiladeiros onde sempre  
caem e se levantam sempre  
caem e se levantam

---

<sup>1</sup> Vera Lúcia de Oliveira Maccherani nasceu em Cândido Mota (Brasil) e reside na Itália desde 1985. É poeta, ensaísta e professora de Literatura Brasileira na Universidade de Perugia. Formou-se em Letras no Brasil e doutorou-se na Itália. Escreve em português e em italiano e tem poemas publicados em vários países. Sua obra aborda temas como os processos de alteridade, deslocamentos, desterritorialização, marginalização de indivíduos. Recebeu diversos prêmios, entre os quais: Prêmio Sandro Penna (Perugia, 1988), Prêmio de Poesia da Academia Brasileira de Letras (2005), Prêmio Literatura para Todos (Brasília, 2006), Prêmio Internacional de Poesia Pasolini (Roma, 2006). Entre os livros publicados: *Geografia d'ombra*, 1989 (poesia); *La guarigione*, 2000 (poesia); *Poesia, mito e história no Modernismo brasileiro*, 2015 (ensaio); *A chuva nos ruídos*, 2004 (poesia); *Verrà l'anno*, 2005 (poesia); *A poesia é um estado de transe*, 2010 (poesia); *La carne quando è sola*, 2011 (poesia); *Vida de boneca*, 2013 (infantil); *O músculo amargo do mundo*, 2014 (poesia); *Ditelo a mia madre*, 2017 (poesia); *Minha língua roça o mundo*, 2018 (poesia).

disse que não ia morrer  
como toda gente  
bastaria ir sumindo pelas brechas  
da madeira velha dessa casa  
que ela mesma ajudou a construir

disse que a deixassem mofar  
pingar rachar esfarelar-se  
onde o cimento vai sendo  
puído pelo tempo e o metal  
dos pregos se enferrujando

ali entraria na terra  
como vira entrar todos  
os mortos que por baixo  
dela aguardavam  
seus ossos

\*\*\*

andava por telefones  
ocupava linhas  
trem ali não havia  
nem trilhos no chão  
discava para o nada  
e nenhum vagão

\*\*\*

país de palha  
onde me fiz  
em beirada de cama  
vendo o pai morrer

levou de mim  
o que nem me deu  
nessa dor comida  
com garfadas de feijão  
com arroz

país de estopa que a mãe alvejava  
e no branco aberto muitos dos  
pássaros me ensinaram a voar

país de grama e terra molhada  
país de arame farpado  
que nos enrolou a língua  
país de facas apertadas  
nessa garganta limpa

\*\*\*

no silêncio que é marulho  
de vaga que não espraia  
vai porque o corredor convoca  
porque as rachaduras da escada  
respondem quando a onda bate  
contra a cabeça e mareja os olhos

\*\*\*

despeja-se da tela o maciço do corpo forte  
não se vê o outro abaixo rasurado raso baixo  
não se vê o porte o peso a altura a proporção  
não se vê o peito ali que bate bate  
não se vê como olha sua mãe  
do lado de lá desse chão gelado  
não se vê como nota um carrinho que passa  
não se vê como ouve a voz que grita  
moço ele não respira moço ele não  
não se vê se treme se pulsa nas têmporas  
não se vê se baba se sua chora faz xixi na calça  
não se vê se contrai a mão se repuxa os pés  
num espasmo de vida quando se vai  
não se vê se bate ainda o coração não  
se vê se morre morre morre morre  
não se vê <sup>1</sup>

---

2 Poema escrito ao ler a notícia em que Pedro Gonzaga, de 19 anos, morre asfixiado pelo segurança de um supermercado no Rio de Janeiro, em 14 de fevereiro de 2019, diante da mãe.

## A notícia

### A Meirielle

da ponta da caneta  
foi saindo o sangue  
lento pingado  
formando poça  
no papel

gotejou na cadeira  
escorreu em fio  
de formigas loucas  
por todas as pontas  
das linhas  
do jornal